

FILLOSOFIA



3



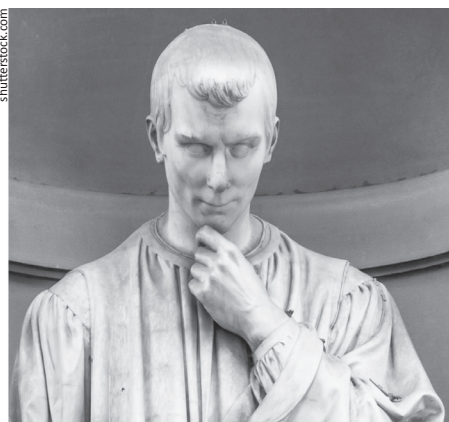
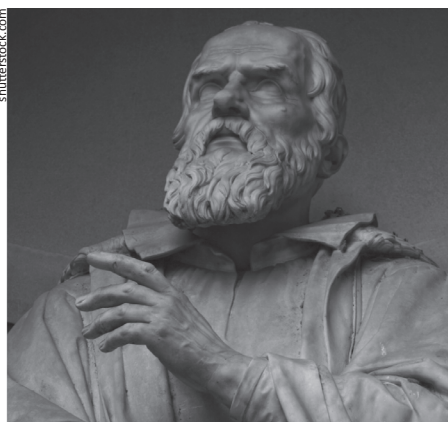
FILOSOFIA

Volume 3 - 1ª Edição

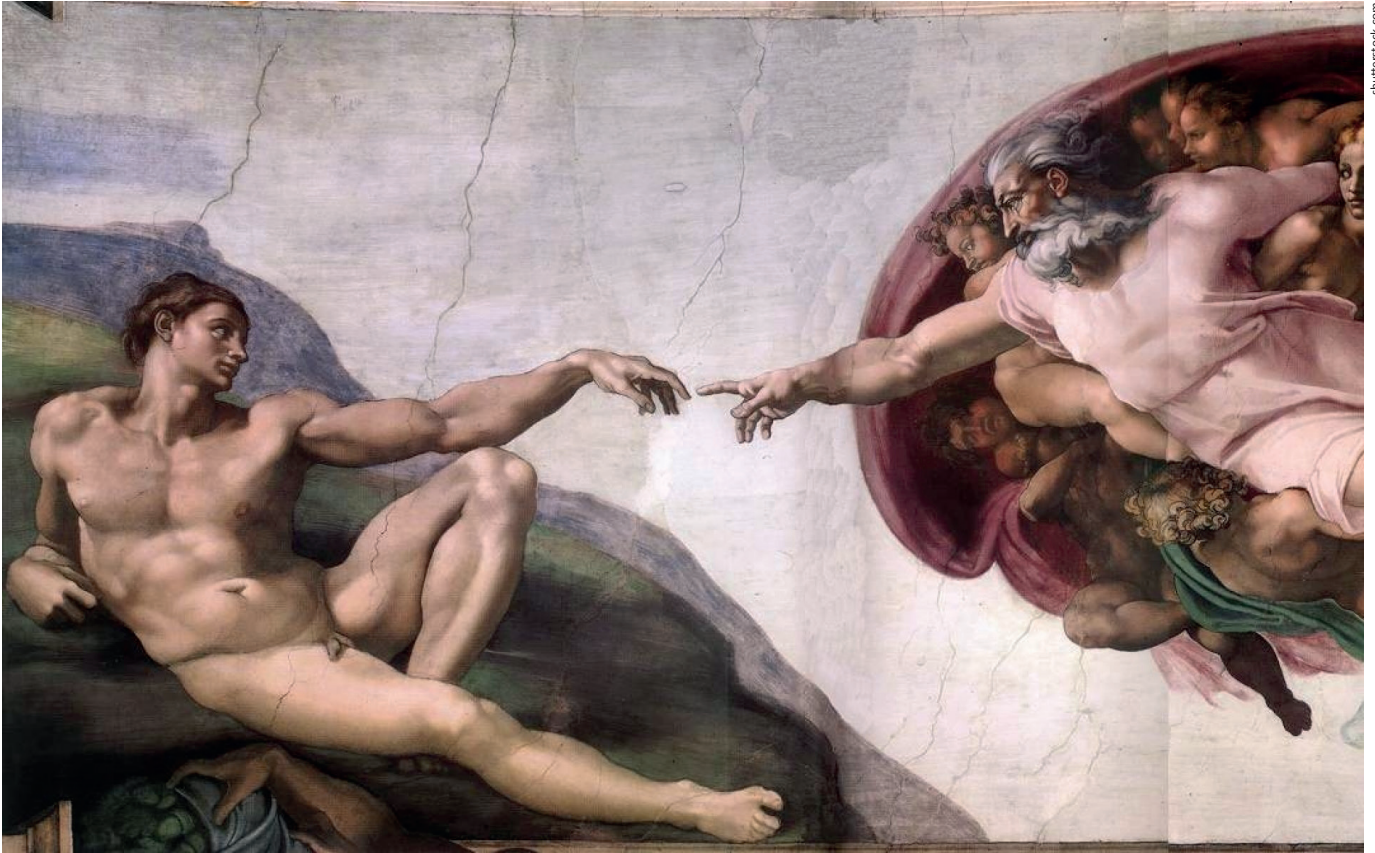
Goiânia
AP360° EDUCACIONAL
2015

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| A MODERNIDADE | 7 |
| A POLÍTICA MODERNA | 9 |
| A VIRTÚ E A FORTUNA | 11 |
| FILOSOFIA MODERNA | 13 |
| A DÚVIDA METÓDICA | 14 |
| A PRIMEIRA CERTEZA CARTESIANA | 15 |
| AS REGRAS DO MÉTODO | 15 |
| O EMPIRISMO | 16 |
| ALGUNS REPRESENTANTES DO EMPIRISMO..... | 16 |
| CRÍTICAS AO INATISMO | 19 |
| UM EMPIRISTA CÉTICO | 20 |
| EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO | 23 |
| GABARITO | 26 |



A MODERNIDADE

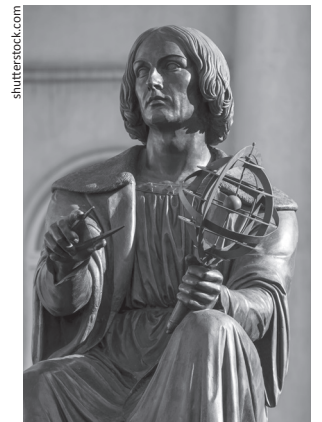


O renascimento foi um marco para a transição da Idade Média para a Idade Moderna, decorrendo daí a crise do sistema tomista. As transformações ocorridas na Europa deram um aspecto novo e significativo ao pensamento moderno e resgatou valores que ficaram esquecidos ou não tiveram tanta relevância como, por exemplo, o humanismo. A característica mais importante do humanismo foi a valorização do racionalismo presente na cultura Greco-romana. Podemos afirmar que essa característica ficou apagada durante o obscurantismo medieval cuja essência do pensamento era a religião. De fato, durante a Idade Média, o conhecimento ficou condicionado à religião por causa da forte influência que a igreja exercera nesse período. Contudo, não podemos afirmar que houve durante o medievo uma total estagnação do conhecimento haja vista alguns acontecimentos importantes tais como: **a tradução dos textos do grego para o latim, o surgimento de algumas universidades e a conciliação entre a fé e a filosofia**, aspecto que marcou o desenvolvimento da Teologia.

Nicolau Copérnico foi um sacerdote polonês que escreveu o livro "Da Revolução das Esferas Celestes", em que combatia a teoria geocêntrica (a terra vista como centro do universo) e propunha a teoria heliocêntrica, mostrando que a Terra girava em torno do sol e que este era o centro do nosso sistema planetário. O revolucionário livro de Copérnico foi publicado no ano da sua morte (1543) e escapou, de início, à condenação católica, que viria com a reativação da Inquisição, após o Concílio de Trento (1545-1563).

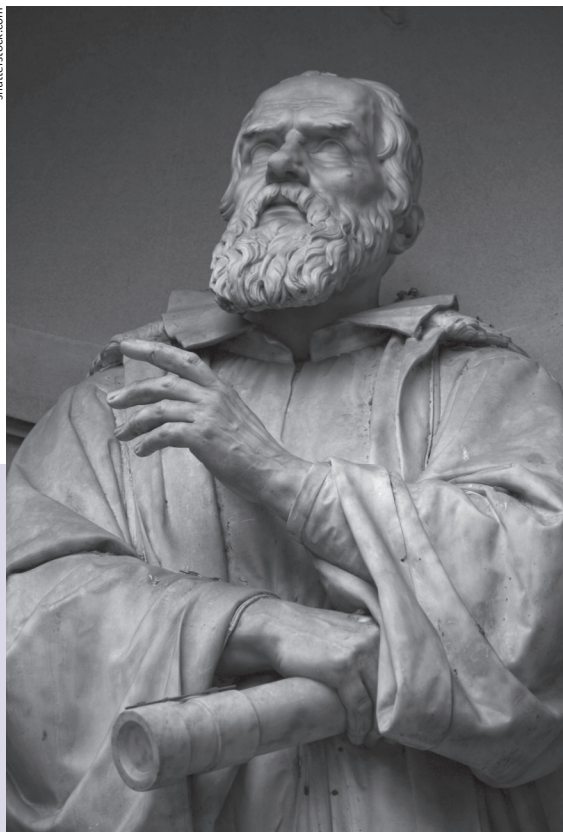
A formulação de Copérnico de que é o sol, e não a terra, o centro do universo só atingia a concepção medieval cristã de que o homem é o ser supremo da criação e, nessa condição, seu habitat, a terra, deveria ter o privilégio de ser o centro em relação aos outros astros. Compreende-se assim a reação da igreja à tese copernicana.

(Gilberto Cotrim, Fundamentos da Filosofia)



Os fatores que provocaram a **crise do pensamento religioso** foram vários, podemos elencar alguns desses: o **declínio da nobreza** como classe social hegemônica, a **formação dos Estados nacionais**, o estímulo à busca de novas rotas marítimas que eclodiram na descoberta do novo mundo e, mais tarde, a **publicação das teses de Martin Lutero** que contestaram a autoridade absoluta da Igreja Católica o que possibilitou o surgimento de novas interpretações acerca da Bíblia. A mentalidade da Europa foi alterada significativamente a partir do século XV. Porém, nada abalou tanto suas estruturas quanto a **Revolução Científica**, com a teoria do heliocentrismo de Nicolau Copérnico, popularizada com a física moderna de Galileu Galilei, que colocou fim a física aristotélico-pitolomaica, que colocava a terra como centro do universo.

shutterstock.com



GALILEU GALILEI nascido em Pisa em fevereiro de 1564, foi responsável pela criação de inventos e aperfeiçoamento de teorias que caracterizaram as novas descobertas do Renascimento. Em 1581, Galileu matriculou-se na Escola de Artes da Universidade de Pisa para estudar medicina. Quatro anos mais tarde abandonou o curso para dedicar-se à matemática. Em 1589, tornou-se catedrático da Universidade de Pisa. Nessa época começa a fazer as primeiras investigações no campo da física, particularmente em mecânica, tentando descrever os fenômenos em linguagem matemática.

A expansão marítima, por sua vez, ocasionou a intensificação comercial, fato que beneficiou o surgimento de uma nova classe social. A burguesia se encarregou de fortalecer os laços comerciais, abrindo novos mercados e aumentando, consideravelmente, o volume de trocas comerciais o que estabeleceu uma enorme soma e acúmulo de capital (**capitalismo comercial**) o que mais tarde foi um fator fundamental para o **capitalismo industrial**.

Essas grandes transformações alteraram profundamente o velho continente porque as mudanças ocorridas criaram brechas para uma nova época, inaugurando a modernidade. É claro que do ponto de vista filosófico não poderia ter sido diferente. A modernidade encontrou ecos em novas teorias que reinterpretavam o mundo, dando-lhe um novo significado político, econômico e social.



shutterstock.com

TEXTO COMPLEMENTAR

Tendo a Lua*Os Paralamas do Sucesso*

Eu hoje joguei tanta coisa fora
 Eu vi o meu passado passar por mim
 Cartas e fotografias gente que foi embora
 A casa fica bem melhor assim
 O céu de Ícaro tem mais poesia que o de Galileu
 E lendo teus bilhetes, eu penso no que fiz
 Querendo ver o mais distante e sem saber voar
 Desprezando as asas que você me deu
 Tendo a lua aquela gravidade aonde o homem flutua
 Merecia a visita não de militares,
 Mas de bailarinos
 E de você e eu

Eu hoje joguei tanta coisa fora
 E lendo teus bilhetes, eu penso no que fiz
 Cartas e fotografias gente que foi embora
 A casa fica bem melhor assim
 Tendo a lua aquela gravidade aonde o homem flutua
 Merecia a visita não de militares,
 Mas de bailarinos
 E de você e eu
 Tendo a lua aquela gravidade aonde o homem flutua
 Merecia a visita não de militares,
 Mas de bailarinos
 E de você e eu.

A POLÍTICA MODERNA

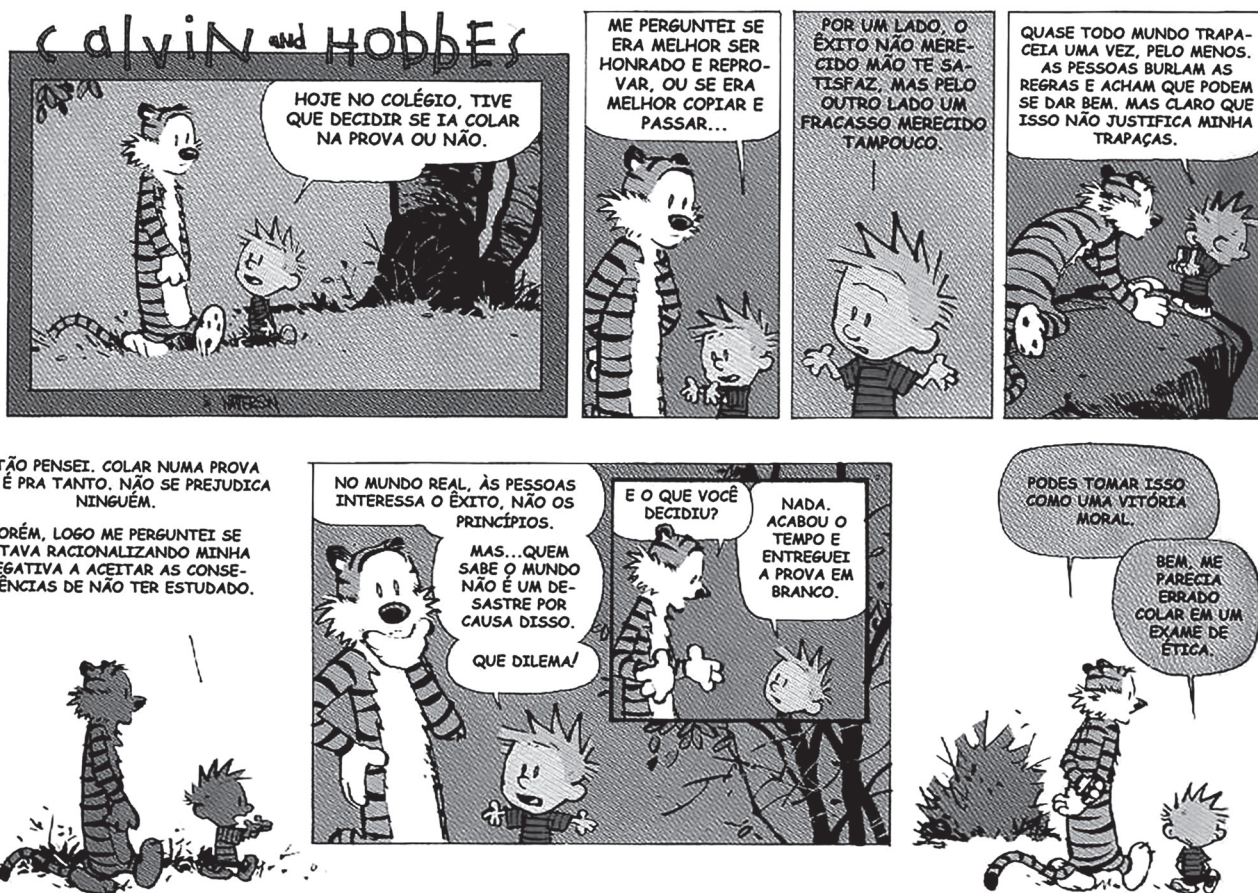
“Cabe ao príncipe que aprenda a ser mau e se valha disso conforme a necessidade”

“É, de fato, muito natural e comum o desejo de conquistar. Sempre, quando os homens que podem o fazem, eles são louvados e não criticados, mas, quando não podem e querem realizá-lo de qualquer modo, neste caso estão errados e devem ser recriminados.”

O contexto histórico no qual Maquiavel nasceu ainda era de uma Itália dividida. Suas muitas cidades como Roma, Nápoles, Florença etc. viviam em luta constante pela busca de novas riquezas e expansão dos seus domínios. Quando as teorias de Maquiavel foram se popularizando, ecoram daí as vozes, pouco ouvidas, desse pensador, em prol da necessidade de se ter uma Itália unificada e forte cujo poder fosse centralizado.



Nicolau Maquiavel (1469-1527)



Nicolau Maquiavel é considerado o fundador da política moderna e suas ideias um verdadeiro manual para aqueles que almejam alcançar o poder. A sua obra mais importante, *O Príncipe*, resume todo o intento intelectual de Maquiavel que não foi lida pelos seus contemporâneos, mas exerceu uma profunda influência nas gerações posteriores e exerce até hoje na política atual. Em qualquer relação que se estabeleça a partir da pretensão política aí estarão os princípios calcados na filosofia política de Nicolau Maquiavel.

“Mesmo em tempos de paz é necessário que o príncipe pense na guerra (...).

Conquistar com as armas alheias é uma conquista sem vitória.”

As teorias maquiavelianas – esse é o termo que iremos empregar, tendo em vista que o termo maquiavélico se tornou pejorativo graças às péssimas interpretações que foram feitas, ao longo dos anos, sobre suas teorias e à forte crítica que a Igreja Católica fez ao livro *O Príncipe* e às ideias do seu autor. Essas teorias foram consideradas diabólicas e caíram na lista dos livros proibidos (**Índex**). Segundo Maquiavel, as relações políticas são um pouco daquilo que é a natureza humana. Dessa forma, as relações políticas são relações de forças na mesma proporção que as relações humanas são, mas por que as relações humanas são conflituosas? Porque é assim, essencialmente, a natureza humana, por isso aquele que almeja o poder deve se valer de valores morais pautados sobre o prisma de que **“os fins justificam os meios”**. O príncipe deve se munir de meios necessários para alcançar um determinado objetivo. Maquiavel lança mão de uma **ética pragmática e utilitarista**, rompendo com a tradição teórica dos gregos e dos medievais, para os quais a ética é regida por princípios que são universais. O conceito sobre a ética adquiriu, na teoria de Maquiavel, um aspecto relativista, determinado pela força das circunstâncias e da necessidade.

“O príncipe deve ser amado ou deve ser temido?”

Bom seria se fosse amado, mas como ninguém obedece por amor, melhor que seja temido.”



A VIRTÚ E A FORTUNA

Quem estaria apto para o exercício do poder cuja lógica era **realista** e pragmática? Aquele que tivesse a Virtú e a Fortuna. Duas qualidades indispensáveis aos que desejam alcançar o poder. O que representa para o príncipe cada uma delas? A Virtú representa a capacidade intelectual e a sabedoria que o príncipe deve ter para avaliar as circunstâncias, as alianças necessárias para a manutenção do poder. Dependendo do momento, é bom que o príncipe seja mau, ou justo que ele seja injusto. Assim, essa Virtú não pode ser confundida com a virtude no sentido cristão, como defendia São Tomás de Aquino, para quem a bondade e a justiça eram fatores essenciais dos princípios cristãos.

*“Precisando um príncipe de saber usar bem o animal,
deve tomar como exemplo a raposa e o leão; pois o leão não
é capaz de se defender das armadilhas, assim como a raposa não sabe
defender-se dos lobos. Deve, portanto, ser raposa para conhecer as
armadilhas e leão para espantar os lobos.”*

O termo fortuna, aqui empregado, não significa riqueza ou dinheiro, mas ocasião, sorte no sentido italiano do termo. Segundo Maquiavel, existem fatores que não é perceptível à capacidade de pensar, fatores naturais por exemplo. Cabe ao príncipe, portanto, contar também com a sorte e com oportunidade. Todavia, sorte e ocasião sem a capacidade de percepção de nada adiantam. Assim, pois, as duas andam lado a lado, cabendo àquele que almeja o poder contar com as duas.

TEXTO COMPLEMENTAR

Desafios para a ética

Nas duas últimas colunas, tratei do aborto, que é uma das grandes questões éticas de nosso tempo. Agora quero tratar da própria ética e de seus problemas nos dias que correm.

A ética (ou moral – usarei os termos como quase sinônimos) vive um grande desafio desde o século 19. Ela lida, como sempre lidou, com uma distinção entre condutas que aprovamos e desaprovamos, entre o certo e o errado. Contudo, alguns autores mudaram isso completamente. Vou lembrar Marx, na segunda metade do século 19, e Freud, na primeira metade do século 20.

As questões éticas são questões de consciência. Falamos na consciência moral de uma pessoa. Ora, Marx e Freud mostram que a consciência que temos, das coisas que fazemos, é bastante limitada.

Marx fala nos aristocratas franceses que se comovem a fundo pelas dores de princesas exiladas; mas, acrescenta ele, na hora decisiva, o que conta para eles é a renda agrária. Ou seja, há uma dimensão belíssima em que as pessoas vivem dramas de consciência, mas por trás disso tudo há interesses bastante chãos, terra-a-terra, que são os econômicos.

Assim como Marx destaca a economia, Freud mostra a importância do sexo por trás de nossas decisões. Vivemos dramas, sofremos, acusamos, defendemos; mas, abaixo disso, sem que tenhamos consciência, pulsa o inconsciente. Não espanta, então, que tanta condenação moral se dirija aos atos sexuais.

Termos como economia, sexo e inconsciente, sofrem alterações ao longo dos tempos e não importa aqui a exatidão deles. O que conta é que, para Marx e Freud, a consciência é uma dimensão bastante limitada do que vivemos. Há algo mais forte que ela, que poderá estar nas relações de produção (ou na economia), para Marx, ou na vida sexual, para Freud, mas que em todos os casos escapa à consciência de quem age.

E isso coloca a ética, não em xeque, mas em questão. Como tratar de questões de consciência, se a consciência é um aspecto limitado, superficial, de nosso ser? O risco de nos enganarmos se torna enorme. Mesmo quem conhece pouco da psicanálise sabe o que é a “projeção”, isto é, o projetar no outro aquilo que na verdade é nosso: isso quer dizer que muitos dos juízos mais severos sobre a conduta alheia apenas expressam algo de nossa psique. Por exemplo, acusamos o outro de fazer exatamente o que fazemos nós mesmos.

Esse vai ser o grande problema da ética desde o século 19, crescendo cada vez mais ao longo do século 20 e do atual. Como saber se nossos julgamentos são válidos – ou só a tradução de preconceitos muito pessoais? Por isso, perguntei nas últimas colunas se a oposição ao direito de abortar (que pode incluir argumentos de certa qualidade) não ocultaria um desejo de punir as mulheres que vivem sua sexualidade. Perguntas desse tipo se tornaram necessárias, hoje, quando se enuncia algo na ética.

Ou talvez eu pudesse começar de outro ponto. A ética passa por uma revolução no século 18, em especial com Kant. O filósofo alemão enfrenta uma questão decisiva. Até sua época, a ética estava subordinada à crença em Deus e à religião. Chamava-se de “ateu” não só quem não acreditasse em Deus, mas também quem recusasse a crença no inferno, isto é, num severo castigo a quem pecasse.

Pensava-se, pelo menos no mundo cristão, que sem inferno não haveria moralidade. As pessoas seriam éticas na medida em que acreditassem, não só em Deus, mas na punição eterna pelo pecado. Sem medo, não haveria ética.

Kant levanta a questão de uma ética que não precisa de um Deus punitivo para enunciá-la. Seus preceitos podem ser encontrados pelo homem. Resumidamente, ele diz que, toda vez que eu ajo, estou proclamando que meus atos têm a validade de uma regra universal. Isso é brilhante. Rompe com a separação entre o que eu faço e o que eu digo – porque, quando faço algo, implicitamente declaro que essa ação é a correta, para todos. Cada ação minha é uma escolha ética para toda a humanidade.

Por exemplo, se respeito o sinal de trânsito, estou declarando que sempre devemos parar na luz vermelha. Inversamente, se furo o sinal vermelho, proclamo (implicitamente) que todos têm o direito de passar com a luz fechada – e portanto autorizo os outros carros a baterem no meu. Se não pago o que devo, autorizo todos (inclusive os meus devedores) a não pagarem as dívidas. Essa é talvez a melhor base para uma ética de sustentação humana, sem precisar de Deus para decretá-la ou para punir quem a viole.

A ética assim fica humana. Ninguém mais pode ter a certeza de falar em nome de Deus, ou dizer de cima para baixo o que é certo ou errado. Mas Marx e Freud trazem um problema a esse quadro. Eles põem sob suspeita minhas motivações ou razões para enunciar juízos morais. Não terei mais segurança de ser honesto, porque quando emito algum julgamento posso estar apenas dando saída a preconceitos de classe ou de sexo, a interesses econômicos, a ódios pessoais. As certezas morais ficarão fracas.

Posso decretar normas universais, mas quem garante que elas sejam, mesmo, universais? Por exemplo, se insisto num direito absoluto de propriedade, posso estar discriminando os sem-terra, os não proprietários, os pobres em geral. Sabemos que o sistema penal pune mais os crimes contra a propriedade do que os crimes contra a vida.

Às vezes, para salvar a vida, alguém ataca a propriedade alheia. Como fica isso, eticamente? Condenar o furto por necessidade pode ser um preconceito de classe social, mais do que um sólido e autêntico princípio ético.

Isso não quer dizer que a ética tenha perdido o sentido, hoje. Ao contrário: é justamente porque não tenho certeza absoluta que a pergunta ética se torna mais importante do que nunca. Não é mais lícito uma pessoa pontificar do alto de uma posição de dono da verdade: cada um precisa, hoje, ser capaz de duvidar de si próprio. E para tanto posso concluir tentando uma diferença entre moral e ética.

Distinguem-se duas posições em matéria moral. Uma tem por critério os costumes da maioria. Costumes, em latim, é “mores”. Por isso, a palavra “moral” pode se referir aos costumes ou modos que o grupo considera os melhores. Também por isso, muitos acham que a moral alude aos costumes que a sociedade valoriza. Por sua vez, a palavra “ethos”, em grego, designa “caráter”. Daí, muitos entendem que a ética remete a escolhas morais que cada um realiza, em seu caráter, independentemente da opinião da maioria.

A moral seria a do grupo (da “manada”, dirão os críticos), enquanto a ética seria da pessoa, do indivíduo que pensa por si próprio. Mas é importante lembrar que a filosofia tem dois mil e quinhentos anos de idade. Portanto, também há autores que chamam de moral o que chamamos de ética, e vice-versa. Mas para concluir é bom dizer que, mesmo que os nomes sejam trocados, a distinção é valiosa.

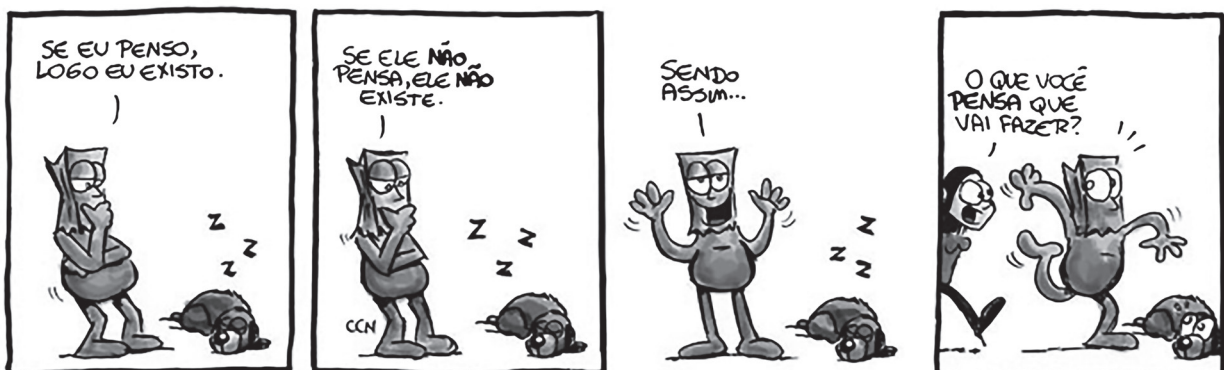
E por isso o desafio ético (ou moral) é sair da manada e pensar por si mesmo. Devemos ser capazes de pôr em dúvida os preconceitos que os outros nos inculcaram – e também os que nós temos. Julgar é uma tarefa árdua. Não deve ser cometida sem autocrítica.

(Renato Janine Ribeiro é professor titular de Ética e Filosofia Política na Universidade de São Paulo)

FILOSOFIA MODERNA

O sistema tomista se mostrou muito frágil frente aos novos acontecimentos na Europa sacudida pelos novos rumos da ciência, da filosofia e dos valores morais dos quais se acercava. O pensamento religioso e teocêntrico cedeu lugar para o pensamento especulativo e experimental. Esses aspectos foram um solo fértil para novas teorias acerca do mundo, da natureza e sobre o ser humano. A bíblia tinha deixado de ser, nos séculos que se levantara, o grande referencial que explicava, praticamente, tudo sobre o universo, a natureza e o homem. Gradualmente, tomou forma uma nova etapa da história denominada de **antropocentrismo**. De fato, nos tempos modernos ecoava com muita força a célebre frase de um filósofo da Antiguidade Clássica, Protágoras, “o homem é a medida de todas as coisas”.

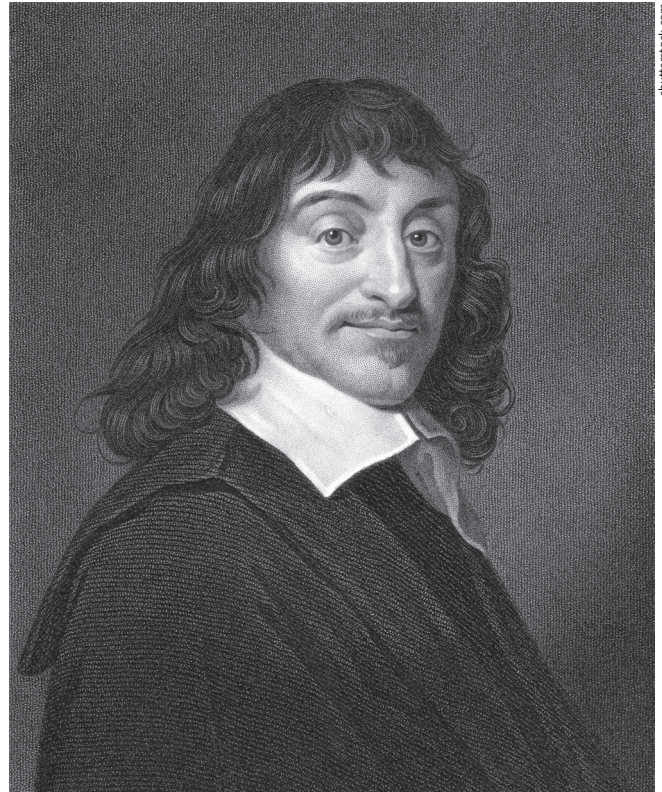
CLUBE DO PANÇA.COM.BR – CAETANO CURY



A filosofia corrosiva de Descartes foi a gota d'água para decretar o fim da filosofia cristã nos moldes à qual fora estabelecida por Tomás de Aquino. E a característica marcante se deu quando René Descartes introduz no pensamento moderno a ideia do cogito. A partir daí o ser humano passa a ser visto como um res cogitans, ser capaz de decifrar os códigos da natureza. A natureza, que era vista como a grande obra de Deus, agora é interpretada a partir de uma linguagem puramente matemática. Segundo Descartes, caberia aos filósofos e matemáticos a grande tarefa de interpretar as leis que regiam a natureza. O cartesianismo operou a grande ruptura entre a teologia e a filosofia que outrora fora conciliada através das ideias tomistas.

“O bom senso é o que existe de mais bem distribuído entre os homens e muitos julgam tê-lo”.

René Descartes nasceu em La Haye, na França, no seio de uma família próspera e burguesa. Estudou no colégio de jesuítas, Le Flèche, que tinha uma tendência tomista e era considerado um dos mais renomados colégios daquela época. Porém, Descartes confessaria, anos mais tarde, a grande decepção pela formação que teve, levando a duvidar de tudo que até então havia aprendido. Ao constatar a insuficiência do sistema tomista mediante os novos tempos, resolveu, por conta própria, buscar um novo conhecimento que lhe possibilitasse decifrar “o grande livro da natureza”.



René Descartes (1596-1650)

“Tomei a decisão de fingir que todas as coisas que até então haviam entrado na minha mente não eram mais verdadeiras do que as ilusões dos meus sonhos (...). Muitas vezes as coisas que me pareceram verdadeiras quando comecei a concebê-las tornaram-se falsas quando quis colocá-las sobre o papel”.

(Discurso do Método)

A DÚVIDA METÓDICA

Para essa nova empreitada era fundamental abrir mão de todo conhecimento que havia adquirido, estabelecendo como critério fundamental o princípio da **dúvida metódica**, ou seja, a dúvida como um meio para chegar a uma certeza ou como o próprio filósofo costumava chamar: **uma ideia clara e distinta**. Assim, a dúvida cartesiana não pode ser confundida com a **dúvida cética** porque essa é apenas a constatação de que é impossível ao ser humano chegar a uma verdade absoluta sobre alguma coisa. Descartes, porém, refuta a tese dos céticos ao constatar que é possível a homem chegar ao conhecimento acerca de si e da natureza, bastando-lhe que, essencialmente, seguisse as regras do raciocínio lógico o qual, segundo Descartes, era **inato**.





A tese cartesiana partia do pressuposto de que para alcançar a verdade era necessário, antes de tudo, questionar as “verdades” preestabelecidas e esse questionamento ocorria através da dúvida. Antes de aceitar algo como verdade era necessário que duvidássemos, afirmava René Descartes. A única certeza residia na nossa capacidade de pensar. Se duvidamos é porque pensamos, se pensamos é porque existimos: **cogito, ergo sum**.

A PRIMEIRA CERTEZA CARTESIANA

O *cogito, ergo sum* é a primeira certeza cartesiana que se constitui como uma verdade inabalável e segura, que nem os cépticos ousariam contestar. A nossa segurança, então, para Descartes, estava no pensamento. Somente a capacidade de pensar é que poderia levar-nos à ideia clara e distinta, pois para o nosso filósofo “**não há nada que dominemos inteiramente a não ser os nossos pensamentos**”.

René Descartes via com desconfianças as informações vindas dos nossos sentidos porque nem tudo que vemos é da forma como vemos e nem tudo que não se pode alcançar pela visão não significa que não exista – vale o ditado popular que diz que **nem tudo que reluz é ouro**. Não vemos os átomos, porém sabemos que existem. Vemos o nascer e pôr do sol, porém sabemos que ele não gira em torno da terra. Portanto, para o nosso filósofo, o porto-seguro para o conhecimento não está nos sentidos, mas na capacidade humana de pensar.

A tese cartesiana coloca em campos opostos o pensar e os sentidos. Classificamos essa tese de **dualismo psicofísico**. Dessa forma, constatamos que só podemos “ver” bem com a razão e o essencial é, cartesianamente, invisível aos olhos.

“O pensamento, para Descartes, deve ser progressivo e não regressivo. Vai das ideias às coisas e não das coisas às ideias; vai do simples ao complexo; avança, ao concretizar-se, da unidade dos princípios para a multiplicidade das diversificações; caminha da teoria para a aplicação, da metafísica para a física, da física para a técnica, para a medicina, para a moral. Não parte, como o de Aristóteles e o da escolástica, de um diverso e de um Universo dados, para *remontar* daí à unidade dos princípios e das causas que é o seu fundamento. Para o pensamento cartesiano, o dado é justamente o objeto simples da intuição intelectual, não os objetos complexos da sensação.”

(Alexandre Koyré, Estudos de história do pensamento científico)

AS REGRAS DO MÉTODO

Pensar todos nós pensamos porque essa é uma faculdade humana, inata – como bem salientou o nosso filósofo. Contudo, poucos pensam a partir do **bom senso**. Por exemplo: é lógico pensar antes de agir, toda via é muito comum agir para depois pensar. Quantos males não seriam evitados se o bom senso se tornasse o critério principal para as nossas relações humanas.

Se voltássemos ao século XVII, no qual foram popularizadas as principais ideias de Descartes, e perguntássemos a ele: se o ser humano é um *res cogitans* por que a trajetória da humanidade é feita de tantos erros e equívocos? Provavelmente Descartes responderia: o pensamento exige regras e daí as atitudes consideradas sensatas.

- **Regra da evidência:** nunca tomar nada como verdade desde que se tenha certeza;
- **Regra da classificação:** colocar em ordem todas as nossas dificuldades e problemas encontrados;
- **Regra da síntese:** resolver dificuldades e problemas classificados, começando do mais simples para, depois, chegar ao mais complexo;
- **Regra da revisão:** voltar aos problemas resolvidos para saber se nada foi omitido.

Assim nos explica o filósofo:

O primeiro era de nunca aceitar coisa alguma como verdadeira sem que a conhecesse evidentemente como tal; ou seja, evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e não incluir em meus juízos nada além daquilo que se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida.

O segundo, dividir cada uma das dificuldades que examinasse em tantas parcelas quantas fosse possível e necessário para melhor resolvê-las.

O terceiro, conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos; e supondo certa ordem mesmo entre aqueles que não se precedem naturalmente uns dos outros.

O quarto, fazer em tudo enumerações tão completas, e revisões tão gerais, que eu tivesse certeza de nada omitir.

(Descartes, Discurso do método)

O EMPIRISMO

O racionalismo cartesiano, como foi visto anteriormente, colocou em evidência a característica mais importante do ser humano que é a sua capacidade de pensar. Atestou, também, a fundamentação teórica sobre o conhecimento dentro de um viés inatista, concepção segundo a qual o conhecimento é o resultado de um processo puramente **abstrato**, independente da experiência, sendo um elemento que constitui o ser humano a partir do nascimento.

Não demorou muito para que entrasse em cena, na transição do século XVI para o século XVIII, uma nova escola filosófica, que contestou os fundamentos do racionalismo cartesiano. Essa escola foi denominada de empirismo – nome cujo significado quer dizer experiência – e a sua fundamentação teórica parte do princípio oposto ao racionalismo. Para os empiristas, o conhecimento não pode ser inato porque ele é adquirido através da experiência. Portanto, a experiência é o ponto de partida para a aquisição do conhecimento. Concluímos, então, que o empirismo nega as ideias inatas.

ALGUNS REPRESENTANTES DO EMPIRISMO

A escola empirista se desenvolveu inicialmente na Inglaterra, dentro de um contexto burguês, embora nem todos os empiristas comungassem dessa mesma vertente política. Contudo era evidente o processo de consolidação dessa classe social não só na Inglaterra como também em boa parte de Europa.

Muitos foram os representantes dessa corrente filosófica, mas vamos nos ater apenas a três pensadores: Francis Bacon, John Locke e David Hume. Esses pensadores da modernidade foram elencados aqui, porque formam, assim, a base essencial do empirismo.



Francis Bacon

“Todos aqueles, que ousaram proclamar a natureza como assunto exaurido para o conhecimento, por convicção, por vezo professoral ou por ostentação, infligiram grande dano, tanto à filosofia quanto às ciências. Pois, fazendo valer a sua opinião, concorreram para interromper e extinguir as investigações. Tudo mais que hajam feito não compensa o que nos outros corromperam e fizeram malograr.”

(Novo Organum)

Francis Bacon partiu do princípio de que a experiência é o fundamento do desenvolvimento científico e que esse era fundamental para a pesquisa e investigação acerca da natureza. Ademais, era crucial para a Europa, em franco processo de industrialização, o investimento na ciência e em um novo método de investigação científica, que acompanhasse e aperfeiçoasse esse desenvolvimento. Por isso, a máxima de Bacon, “**saber é poder**”, faz uma referência à tamanha importância que o conhecimento desempenhava nesse contexto histórico.

A importância das teorias de Bacon é incontestável, porque coube a ele a elaboração de um novo método científico – **método indutivo** – cuja investigação partia das experiências particulares para se chegar a uma conclusão geral sobre o objeto estudado. Dessa forma, quando estabelecemos conceitos gerais na nossa mente, é por que o nosso ponto de partida foram as experiências individuais. Não seria diferente com o conhecimento científico que, para Bacon, deveria ter uma utilidade prática.

“Nosso método, contudo, é tão fácil de ser apresentado quanto difícil de aplicar. Consiste no estabelecer os graus de certeza, determinar o alcance exato dos sentidos e rejeitar, na maior parte dos casos, o labor da mente, calcado muito de perto sobre aqueles, abrindo e promovendo, assim, a nova e certa via da mente, que, de resto, provém das próprias percepções sensíveis.”

(idem)

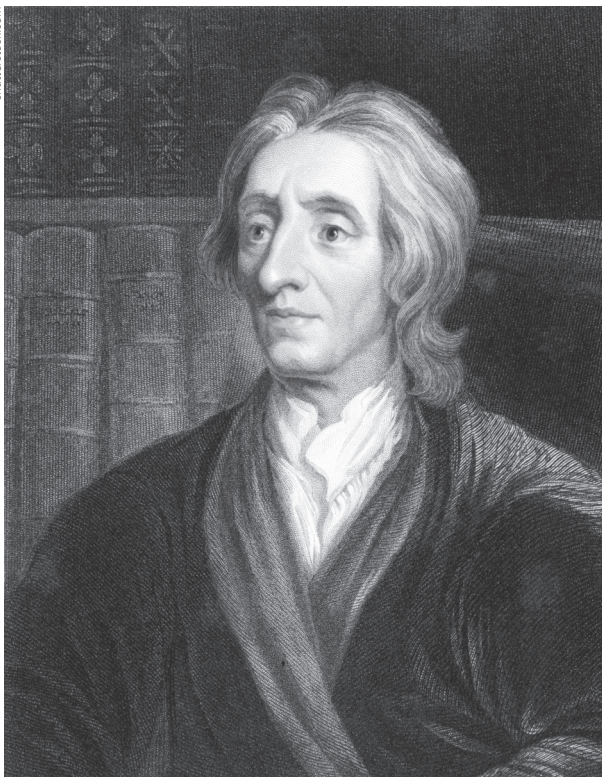
Segundo o filósofo, a ciência deveria ser experimental, pois assim permitiria, ao ser humano, os resultados para o aprimoramento do mesmo. Porém, era fundamental que o cientista tivesse um papel de destaque na sociedade porque ele é quem poderia proporcionar esse crescimento. Mas, o próprio cientista deveria fazer uma autocrítica constante, para não fazer do conhecimento a sua própria prisão e transformá-lo em um fundamentalismo. Por isso, adverte, destacando os grandes obstáculos para o progresso da ciência, aos quais denominou de ídolos, classificando-os em ídolos da tribo, da caverna, do foro e do teatro.

- Os **ídolos da tribo** estão fundados na própria natureza humana, na própria tribo ou espécie humana. É falsa a asserção de que os sentidos do homem são a medida das coisas. Muito ao contrário, todas as percepções, tanto dos sentidos como da mente, guardam analogia com a natureza humana e não com o universo. O intelecto humano é semelhante a um espelho, que reflete desigualmente os raios das coisas e, dessa forma, as distorce e corrompe.
- Os **ídolos da caverna** são os dos homens enquanto indivíduos. Pois, cada um, além das imperfeições próprias da natureza humana em geral, tem uma caverna ou uma cova que intercepta e corrompe a luz da natureza: seja devido à natureza própria e singular de cada um; seja devido à educação ou conversação com os outros; seja pela leitura dos livros ou pela autoridade daqueles que se respeitam e admiram; seja pela diferença de impressões, segundo ocorram em ânimo preocupado e predisposto ou em ânimo equânime e tranquilo; de tal forma que o espírito humano, tal como se acha disposto em cada um, é coisa vária, sujeita a múltiplas perturbações, e até certo ponto sujeita ao acaso. Por isso, bem proclamou Heráclito que os homens buscam em seus pequenos mundos e não no grande ou universal.
- Os **ídolos do foro** devido ao comércio e consórcio entre os homens. Com efeito, os homens se associam graças ao discurso, e as palavras são cunhadas pelo vulgo. As palavras, impostas de maneira imprópria e inepta, bloqueiam espantosamente o intelecto. Nem as definições, nem as explicações com que os homens doutos se munem e se defendem, em certos domínios, restituem as coisas ao seu lugar. Ao contrário, as palavras forçam o intelecto e o perturbam por completo. E os homens são, assim, arrastados a inúmeras e inúteis controvérsias e fantasias.

Francis Bacon concluiu que era de fundamental importância zelar pelo estudo científico, procurando, ao máximo, evitar os equívocos. Tal empreitada só seria possível através de uma investigação rigorosa, pautada no que se constitui, até os nossos dias, como método científico: **a observação, classificação, experimentação, hipótese e conjecturas.**

No final do século XIX e no início do século XX, um fisiologista russo chamado Ivan Pavlov (1849-1936), ao estudar a fisiologia do sistema gastrointestinal, fez uma das grandes descobertas científicas da atualidade: o reflexo condicionado. Foi uma das primeiras abordagens realmente objetivas e científicas ao estudo da aprendizagem, principalmente porque forneceu um modelo que podia ser verificado e explorado de inúmeras maneiras, usando a metodologia da fisiologia. Pavlov inaugurava, assim, a psicologia científica, acoplando-a à neurofisiologia. Por seus trabalhos, recebeu o prêmio Nobel concedido na área de Medicina e Fisiologia em 1904.

shutterstock.com



John Locke

*“Sempre considerei as ações
dos homens como as
melhores intérpretes dos
seus pensamentos”.*

Podemos dividir a vasta contribuição que Locke deu à história do conhecimento a partir das duas principais obras escrita por ele: “Dois tratados sobre o governo civil” e “Ensaio sobre o entendimento humano”. A primeira obra é a grande representação do que o consagrou como um dos mais importantes pensadores do **Liberalismo**. A segunda obra faz parte da sua teoria do conhecimento a partir da qual Locke contestou o princípio do inatismo cartesiano. Contudo, nesse momento, analisaremos apenas alguns aspectos do segundo livro.

John Locke nasceu em 1632 e faleceu em 1704. Pertencente a uma família de comerciantes na cidade de Bristol pode se dedicar aos estudos na universidade de Oxford, interessando-se por um conhecimento vasto e multidisciplinar como química, teologia, medicina e filosofia. Além de tudo isso, ingressou no campo da política, no qual participou ativamente do movimento que eclodiu na Revolução Gloriosa.



Revolução Gloriosa é o nome dado pelo movimento ocorrido na Inglaterra entre 1688 e 1689 no qual o rei Jaime II foi destituído do trono britânico. Chamada por vezes de "**Revolução sem sangue**", pela forma deves pacífica com que ocorreu, ela resultou na substituição do rei da dinastia Stuart, católico, pelo protestante Guilherme (em inglês, William), Príncipe de Orange, da Holanda, em conjunto com sua mulher Maria II (respectivamente genro e filha de Jaime II).

CRÍTICAS AO INATISMO

O caráter empirista de Locke é evidenciado no livro “Ensaio sobre o entendimento humano” porque foi nele que desenvolveu sua aversão às teorias **metafísicas**, particularmente a cartesiana. Segundo Descartes as nossas ideias independem da experiência. Para Locke, ao contrário, as nossas ideias tem a sua origem na percepção sensível, ou seja, o que pensamos não pode ser um mero protagonismo do nosso intelecto puro ou uma **abstração** pura. Para Locke não existe pensamento destituído da experiência, aliás, é o próprio Locke que diz – embora tenha sido dito também por Aristóteles – “nada existe no entendimento humano que não tenha existido antes na experiência”. Dessa forma, o que povoa nossa mente é o resultado daquilo que experimentamos. As pessoas, por exemplo, podem produzir várias interpretações sobre o amor. Se para uns representa sofrimento, para outros representa felicidade. A motivação para o conceito acerca desse sentimento depende da experiência.

O conhecimento resulta, portanto, da forma como os nossos sentidos captam as informações oriundas das nossas experiências. Segundo Locke, uma criança nasce destituída de qualquer tipo de conhecimento como se fosse uma “**tabula rasa**”. Podemos, então, afirmar que a noção de certo ou errado e o discernimento diante dessas duas escolhas só é possível através de princípios morais que sejam adquiridos.

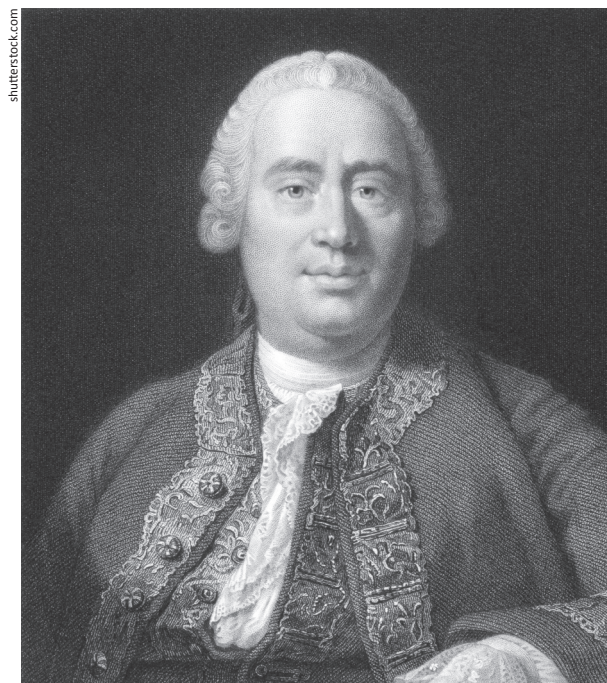
A maneira pela qual adquirimos qualquer conhecimento constitui suficiente prova de que não é inato. Consiste numa opinião estabelecida entre alguns homens que o entendimento comporta certos princípios inatos, certas noções primárias, koinai énoiai, caracteres, os quais estariam estampados na mente do homem, cuja alma os recebera em seu ser primordial e os transporta consigo ao mundo. Seria suficiente para convencer os leitores sem preconceito da falsidade desta hipótese se pudesse apenas mostrar (...) como os homens, simplesmente pelo uso de suas faculdades naturais, podem adquirir todo conhecimento que possuem sem a ajuda de impressões inatas e podem alcançar a certeza sem nenhuma destas noções ou princípios originais. (...)

Para Locke, portanto, nenhum aspecto moral pode ser uma máxima independente da empiria, uma vez que, tais princípios, estão relacionados com a ação e o comportamento de cada indivíduo, que tanto segue um referencial, quanto é referencial para alguém. Daí a expressão bíblica que se tornou um ditado popular que diz “as palavras convencem, mas os exemplos arrastam”. Isso quer dizer que adquirimos muito mais conhecimento por meio das vivências que experimentamos.

Nenhum princípio moral é tão claro e geralmente recebido como as máximas especulativas anteriormente mencionadas. (...) Isto é ainda muito mais patente com respeito aos princípios práticos, que não alcançam uma recepção universal. Penso que será difícil ilustrar qualquer regra moral com a mesma pretensão de ter o assentimento geral e imediato da que diz “o que é, é” ou ter uma verdade tão manifesta com esta: “é impossível para uma mesma coisa ser e não ser”. Por mais que seja evidente que elas se distanciem posteriormente do título de inatas, a dúvida de que elas são impressões nativas na mente é muito mais forte em relação aos princípios morais do que aos outros. Nem isto coloca de modo algum sua verdade em questão. Elas são igualmente verdadeiras, embora não igualmente evidentes. (...)



O que se leva dessa vida
É a vida que se leva
O que se leva dessa vida
É a vida que se leva

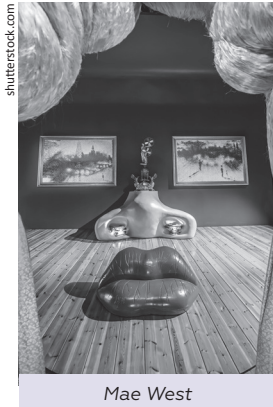


David Hume (1711-1776)

“Se nos cai nas mãos um volume, por exemplo, de teologia ou de metafísica escolástica, perguntamo-nos: Contém alguma argumentação abstrata sobre a quantidade ou os números? Não. Contém alguma argumentação experimental sobre questões de fato e existência? Não. Então, que seja jogado ao fogo, pois contém apenas sofismas e ilusões.”

UM EMPIRISTA CÉTICO

Hume foi um dos principais empiristas que combateram, com veemência, toda forma de pensamento metafísico ou abstrato que não tivesse uma correspondência imediata com as **impressões**. Aliás, a impressão, e o que ela nos causa foi, talvez, o componente mais forte no conjunto das teorias de David Hume. Se Segundo o filósofo, a verdade é algo inalcançável, pelo menos podemos nos aventurar na busca pelo conhecimento, porque esse é o meio mais seguro que aperfeiçoa o ser humano e faz evoluir uma determinada sociedade. A tese da inalcançabilidade de uma verdade absoluta é um dos fundamentos do seu ceticismo. Podemos afirmar, portanto, que Hume aproxima o empirismo do ceticismo.



Mae West

“O homem é um ser racional e, como tal, recebe da ciência sua adequada nutrição e alimento. Mas os limites do entendimento humano são tão estreitos que pouca satisfação se pode esperar neste particular, tanto pela extensão como pela segurança de suas aquisições.”

(Investigação sobre o entendimento humano)

Para Hume, o conhecimento é o resultado da experiência e essa, por sua vez, possibilita particularidades, ou seja, de experiências singulares é possível chegar ao conhecimento. Contudo, esse conhecimento jamais será uma verdade absoluta porque a sua característica é a transitoriedade e a limitação. Só podemos ter conhecimento mediante aquilo que os **hábitos** e as **sensações** nos proporcionam. A dor nos faz sofrer, por exemplo, porque já tivemos essa sensação em outro momento, mas nada me garante que toda experiência de dor será sinônimo de sofrimento. O nosso empirista é contrário a qualquer tendência a uma verdade fixa e absoluta. Posto dessa forma, contesta a ideia da **causalidade** – toda ação provoca uma reação – afirmando que temos essa “certeza” apenas por força do hábito e da experiência.



“Mas, objeta-se, a obscuridade da filosofia profunda e abstrata não é apenas penosa e fatigante, como também é uma fonte inevitável de incerteza e de erro. Na verdade, esta é a objeção mais justa e mais plausível contra uma parte considerável da metafísica, que não constitui propriamente uma ciência, mas nasce tanto pelos esforços estéreis da vaidade humana que queria penetrar em recintos completamente inacessíveis ao entendimento humano, como pelos artificios das superstições populares que, incapazes de se defenderem lealmente, constroem estas sarças emaranhadas para cobrir e proteger suas fraquezas.”

Se Locke afirmou que tudo que está no nosso entendimento estivera antes na experiência, Hume afirmou algo semelhante: “as nossas ideias são produto das nossas impressões”. Assim a imaginação não é um recurso do puro abstrato da mente, mas é o resultado das impressões captadas pelos nossos sentidos, transportadas, por associações, à nossa mente, que são manifestas ou verbalizadas em forma de ideias ou de conceitos proferidos. Por isso, quando falamos que algo ou alguém é belo, tal afirmação não é uma idealização, mas uma construção que teve sua origem em um elemento sensível. Portanto, longe de ser uma certeza irrefutável, esse conceito é apenas uma probabilidade. Como bem salientou a professora Maria Lúcia de Arruda Aranha: “tendo observado a água ferver a 100° C, podemos dizer que toda água sempre ferve a 100° C. Ou, vendo o sol nascer todos os dias, afirmamos que amanhã ele também nascerá. O que observamos, no entanto, é uma sequência de eventos, sem nexos causais. O que nos faz ultrapassar o dado e afirmar mais do que pode ser alcançado pela experiência é o hábito criado pela observação de casos semelhantes. Por associação com experiências passadas, imaginamos que este caso se comporta da mesma forma que os outros.”

(Temas de Filosofia).



Segundo Hume, embora observamos a repetição dos fenômenos, nada nos garante a certeza da sua universalidade, a não ser pela força do hábito.

TEXTO COMPLEMENTAR

Mais uma vez

Renato Russo

Mas é claro que o sol vai voltar amanhã
 Mais uma vez, eu sei
 Escuridão já vi pior, de endoidecer gente sã
 Espera que o sol já vem.
 Tem gente que está do mesmo lado que você
 Mas deveria estar do lado de lá
 Tem gente que machuca os outros
 Tem gente que não sabe amar
 Tem gente enganando a gente
 Veja a nossa vida como está
 Mas eu sei que um dia a gente aprende
 Se você quiser alguém em quem confiar
 Confie em si mesmo
 Quem acredita sempre alcança!
 Mas é claro que o sol vai voltar amanhã
 Mais uma vez, eu sei
 Escuridão já vi pior, de endoidecer gente sã
 Espera que o sol já vem.

Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena
 Acreditar no sonho que se tem
 Ou que seus planos nunca vão dar certo
 Ou que você nunca vai ser alguém
 Tem gente que machuca os outros
 Tem gente que não sabe amar
 Mas eu sei que um dia a gente aprende
 Se você quiser alguém em quem confiar
 Confie em si mesmo
 Quem acredita sempre alcança!
 Quem acredita sempre alcança!
 Quem acredita sempre alcança!
 Quem acredita sempre alcança!
 Quem acredita sempre alcança!
 Quem acredita sempre alcança!
 Quem acredita sempre alcança!
 Quem acredita sempre alcança!
 Quem acredita sempre alcança!

“O costume é, pois, grande guia da vida humana.

*É o único princípio que torna útil nossa experiência e nos faz esperar,
 no futuro, uma série de eventos semelhantes àqueles que aparecem no passado.”*

F EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01 *A maneira pela qual Galileu concebe um método científico correto implica uma predominância da razão sobre a simples experiência, a substituição de uma realidade empiricamente conhecida por modelos ideais (matemáticos), a primazia da teoria sobre os fatos. Só assim é que [...] um verdadeiro método experimental pôde ser elaborado. Um método no qual a teoria matemática determina a própria estrutura da pesquisa experimental, ou, para retomar os próprios termos de Galileu, um método que utiliza a linguagem matemática (geométrica) para formular suas indagações à natureza e para interpretar as respostas que ela dá.”*

(KOIRÉ, Alexandre. Estudos de história do pensamento científico.

Trad. de Márcia Ramalho. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991. p. 74.)

Com base no texto, é correto afirmar que o método científico de Galileu:

- A** É experimental e necessita de uma instância teórica que antecede a experiência.
- B** É um método segundo o qual a experiência interpreta a natureza.
- C** É independente da experiência, pois a razão está afastada da mesma.
- D** É um método no qual há o predomínio da experiência sobre a razão.
- E** É um método segundo o qual a matemática determina a estrutura da natureza.

02 *“O maquiavelismo é uma interpretação de O Príncipe de Maquiavel, em particular a interpretação segundo a qual a ação política, ou seja, a ação voltada para a conquista e conservação do Estado, é uma ação que não possui um fim próprio de utilidade e não deve ser julgada por meio de critérios diferentes dos de conveniência e oportunidade.”*

(BOBBIO, Norberto. Direito e Estado no pensamento de Emanuel Kant.

Trad. de Alfredo Fait. 3.ed. Brasília: Editora da UNB, 1984. p. 14.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o tema, para Maquiavel o poder político é:

- A** Independente da moral e da religião, devendo ser conduzido por critérios restritos ao âmbito político.
- B** Independente da conveniência e oportunidade, pois estas dizem respeito à esfera privada da vida em sociedade.
- C** Dependente da religião, devendo ser conduzido por parâmetros ditados pela Igreja.

- D** Dependente da ética, devendo ser orientado por princípios morais válidos universal e necessariamente.
- E** Independente das pretensões dos governantes de realizar os interesses do Estado

03 *“A escolha dos ministros por parte de um príncipe não é coisa de pouca importância: os ministros serão bons ou maus, de acordo com a prudência que o príncipe demonstrar. A primeira impressão que se tem de um governante e da sua inteligência, é dada pelos homens que o cercam. Quando estes são eficientes e fiéis, pode-se sempre considerar o príncipe sábio, pois foi capaz de reconhecer a capacidade e manter fidelidade. Mas quando a situação é oposta, pode-se sempre dele fazer mau juízo, porque seu primeiro erro terá sido cometido ao escolher os assessores”.*

(MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe. Trad. de Pietro Nasseti.

São Paulo: Martin Claret, 2004. p. 136.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre Maquiavel, é correto afirmar:

- A** As atitudes do príncipe são livres da influência dos ministros que ele escolhe para governar.
- B** Basta que o príncipe seja bom e virtuoso para que seu governo obtenha pleno êxito.
- C** O povo distingue e julga, separadamente, as atitudes do príncipe daquelas de seus ministros.
- D** A escolha dos ministros é irrelevante para garantir um bom governo, desde que o príncipe tenha um projeto político perfeito.

04 Maquiavel, em *O Príncipe*, fornece elementos para uma nova ciência política a partir do contexto do renascimento nas cidades europeias. Segundo ele não existe um fundamento anterior ou exterior à política, tais como Deus ou Natureza, mas toda cidade está dividida em dois desejos opostos: os poderosos com o desejo de oprimir e comandar e o povo com o desejo de não ser oprimido. Nessa perspectiva, do realismo político, Maquiavel defende que:

- A** O verdadeiro Príncipe é aquele que sabe tomar e conservar o poder;
- B** A finalidade da política é a divisão do povo;
- C** Os poderosos são quem devem eleger o Príncipe;
- D** O poder deve ser negociado democraticamente com todas as partes;

05| Galileu Galilei realizou estudos em diferentes campos da pesquisa, conforme os definimos atualmente e, assim, consagrou-se como uma espécie de instituidor das bases que norteariam a chamada Ciência Moderna. Nas passagens abaixo estão postos alguns dos pensamentos de Galileu e um nome generalizado a cada uma dessas ações.

Relacione as colunas de forma a "ligar" o posicionamento à respectiva denominação.

1. Infinito.
2. A relatividade do movimento.
3. A busca das causas.
4. O livro da natureza está escrito com signos matemáticos.
5. O conhecimento do homem e o conhecimento de Deus.

() "...a faculdade de entender pode considerar-se de duas maneiras, isto é, intensivas ou extensivas; e que extensivas, isto é, em relação com a multidão das coisas inteligíveis que são infinitas, o intelecto humano é como nulo, mesmo quando entende bem mil proposições, pois mil aspectos do infinito é como zero; mas, considerando o entender "intensivo", enquanto este termo representa intensivamente, isto é, perfeitamente, alguma proposição, digo que o intelecto humano entende algumas tão perfeitamente e tem a respeito delas certeza tão absoluta como a tem a própria Natureza".

() "...assim como os produtos se chamam quadrados, os que os produzem, ou seja os que se multiplicam, se chamam lados ou raízes. Consequentemente, os outros que não nascem de números multiplicados por si mesmos, não são quadrados. De onde, se eu dissesse que todos os números, incluindo os quadrados e os não quadrados, são mais que os quadrados, terei enunciado uma proposição realmente verdadeira".

() "...uma bola de chumbo vai ao fundo; laminada e com forma de bacia, já não vai mais ao fundo... É evidente que o resultado não é o fruto da forma ou da figura, pois essa mesma bacia, cheia d'água, mantém sua figura e no entanto vai ao fundo; nem é o ar que ela contém, já que, removido, também vai ao fundo. ...não é a figura que fará descer ou não, já que a mesma figura ora desce ora não...".

() "O que acontece em concreto da mesma forma ocorre em abstrato; e seria uma coisa insólita se os cálculos e os raciocínios feitos em números abstratos não correspondessem, depois, às moedas de ouro e de prata e às mercadorias em concreto".

() "O movimento enquanto é movimento e como movimento atua, está em relação com as coisas de que carece; mas, entre as coisas que todos participam igualmente, nada ocorre e é como se não existisse".

A legenda que contempla horizontalmente de cima para baixo classificando corretamente a relação proposta acima é:

- A** 1, 5, 4, 3 e 2
- B** 5, 1, 3, 4 e 2
- C** 4, 3, 5, 1 e 2
- D** 3, 4, 1, 5 e 2

06| O principal problema de Descartes pode ser formulado do seguinte modo:

"Como poderemos garantir que o nosso conhecimento é absolutamente seguro?" Como o cético, ele parte da dúvida; mas, ao contrário do cético, não permanece nela. Na Meditação Terceira, Descartes afirma: "[...] engane-me quem puder, ainda assim jamais poderá fazer que eu nada seja enquanto eu pensar que sou algo; ou que algum dia seja verdade eu não tenha jamais existido, sendo verdade agora que eu existo [...]"

(DESCARTES. René. *Meditações Metafísicas*. Meditação Terceira, São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 182. Coleção Os Pensadores.)

Com base no enunciado e considerando o itinerário seguido por Descartes para fundamentar o conhecimento, é correto afirmar

- A** Todas as coisas se equivalem, não podendo ser discerníveis pelos sentidos nem pela razão, já que ambos são falhos e limitados, portanto o conhecimento seguro detém-se nas opiniões que se apresentam certas e indubitáveis.
- B** O conhecimento seguro que resiste à dúvida apresenta-se como algo relativo, tanto ao sujeito como às próprias coisas que são percebidas de acordo com as circunstâncias em que ocorrem os fenômenos observados.
- C** Pela dúvida metódica, reconhece-se a contingência do conhecimento, uma vez que somente as coisas percebidas por meio da experiência sensível possuem existência real.

- D** A condição necessária para alcançar o conhecimento seguro consiste em submetê-lo sistematicamente a todas as possibilidades de erro, de modo que ele resista à dúvida mais obstinada.

07| René Descartes é considerado o mestre do racionalismo, corrente filosófica moderna que atribui à razão humana a capacidade exclusiva de conhecer e estabelecer a verdade.

É correto dizer que o racionalismo cartesiano:

- A** utiliza o método indutivo a posteriori.
- B** admite parte dos saberes já existentes e consagra-os através da experiência.
- C** estabelece a dúvida como meio para chegar a uma certeza.
- D** está fundado na intuição intelectual.

08| “Mas logo em seguida, adverti que, enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade eu penso, logo existo era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos cétricos não seriam capazes de abalar, julguei que poderia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da Filosofia que procurava.”

(DESCARTES, René. Discurso do método. Trad. de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 92. Coleção Os Pensadores.)

De acordo com o texto e com os conhecimentos sobre o tema, assinale a alternativa correta.

- A** Para Descartes, não podemos conhecer nada com certeza, pois tudo quanto pensamos está sujeito à falsidade.
- B** O “eu penso, logo existo” expressa uma verdade instável e incerta, o que fez Descartes ser vencido pelos cétricos.
- C** A expressão “eu penso, logo existo” representa a verdade firme e certa com a qual Descartes fundamenta o conhecimento e a ciência.
- D** As “extravagantes suposições dos cétricos” impediram Descartes de encontrar uma verdade que servisse como princípio para a filosofia.

09| “Para concluir, acho que só há um caminho para a ciência – ou para a filosofia: encontrar um problema, ver a sua beleza e apaixonarmo-nos por ele; casarmo-nos com ele, até que a morte nos separe – a não ser que encontremos outro problema ainda mais fascinante, ou a não ser que obtemos uma solução. Mas ainda que encontremos uma solução, poderemos descobrir, para nossa satisfação, a existência de toda uma família de encantadores, se bem que talvez difíceis, problemas filhos, para cujo bem-estar poderemos trabalhar, com uma finalidade em vista, até ao fim dos nossos dias.”

(POPPER, Karl. O Realismo e o objetivo da ciência. Trad. de Nuno Ferreira da Fonseca. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997. p. 42.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre epistemologia, assinale a alternativa correta.

- A** Para a ciência e a filosofia, a solução dos problemas que elas mesmas propõem é um objetivo inatingível.
- B** Os problemas, filosóficos ou científicos, são prejudiciais à investigação.
- C** Para a investigação científica, ou filosófica, é irrelevante a existência de problemas.
- D** A ciência e a filosofia investigam problemas que constituem para elas o elemento motivador de suas próprias atividades.

10| Leia o texto a seguir.

Como o costume nos determina a transferir o passado para o futuro em todas as nossas inferências, esperamos — se o passado tem sido inteiramente regular e uniforme — o mesmo evento com a máxima segurança e não toleramos qualquer suposição contrária. Mas, se temos encontrado que diferentes efeitos acompanham causas que em aparência são exatamente similares, todos estes efeitos variados devem apresentar-se ao espírito ao transferir o passado para o futuro, e devemos considerá-los quando determinamos a probabilidade do evento.

(HUME, D. Investigações acerca do entendimento humano. Tradução de Anoar Aiex. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 73.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre Hume, é correto afirmar:

- A** Hume procura demonstrar o cálculo matemático de probabilidades.
- B** Hume procura mostrar o mecanismo psicológico pelo qual a crença se fixa na imaginação.
- C** Para Hume, há uma conexão necessária entre causa e efeito.
- D** Para Hume, as inferências causais são a priori.

11| O empirismo é uma doutrina filosófica que defende (...) *Tabula Rasa*. Esta corrente afirma que as pessoas nada conhecem, como uma folha em branco. O conhecimento é limitado às experiências vivenciadas, e as aprendizagens se dão por meio de tentativas e erros.

Entende-se por empírico aquilo que pode ter sua veracidade ou falsidade verificada por meio dos resultados de experiências e observações. Teorias não bastam, somente através da experiência, de fatos ocorridos observados, um conhecimento é considerado pelo empirista.

Escolha o item abaixo que tenha haver com o texto

- A René Descartes, John Locke, Tomas Hobbes, David Hume, Baruch Spinoza.
- B John Locke, Tomas Hobbes, David Hume.
- C René Descartes, John Locke, Tomas Hobbes, David Hume.
- D John Locke, Tomas Hobbes, David Hume, Baruch Spinoza.

12| Empirismo é a escola de Epistemologia (na filosofia ou psicologia) que avança que todo o conhecimento é o resultado das nossas experiências (teoria da "Tábua Rasa"). O empirismo é um aliado próximo do materialismo (filosófico) e do positivismo, sendo oposto ao racionalismo europeu.

O empirismo é geralmente observado como sendo o fulcro do método científico moderno. Defende que as nossas teorias devem ser baseadas nas nossas observa es do mundo, em vez da intui o ou f . Defende a investiga o empírica.

A expressão colocada, entre aspas,   atribuída a

- A René Descartes e o empirismo
- B John Locke e o racionalismo
- C Thomas Hobbes e tomismo
- D John Locke e o empirismo

13| Leia o texto a seguir.

“Como o costume nos determina a transferir o passado para o futuro em todas as nossas inferências, esperamos — se o passado tem sido inteiramente regular e uniforme — o mesmo evento com a máxima segurança e não toleramos qualquer suposi o contrária. Mas, se temos encontrado que diferentes efeitos acompanham causas que em aparência são exatamente similares, todos estes efeitos variados devem apresentar-se ao espírito ao transferir o passado para o futuro, e devemos considerá-los quando determinamos a probabilidade do evento.”

(HUME, D. Investiga es acerca do entendimento humano. Tradu o de Anoar Alex. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 73.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre Hume, é correto afirmar:

- A Hume procura demonstrar o cáculo matemático de probabilidades.
- B Hume procura mostrar o mecanismo psicológico pelo qual a crença se fixa na imagina o.
- C Para Hume, há uma conexão necessária entre causa e efeito.
- D Para Hume, as inferências causais são a priori.

14| O principal problema de Descartes pode ser formulado do seguinte modo: “Como poderemos garantir que o nosso conhecimento é absolutamente seguro?” Como o cético, ele parte da dúvida; mas, ao contrário do cético, não permanece nela. Na *Medita o Terceira*, Descartes afirma: “[...] engane-me quem puder, ainda assim jamais poderá fazer que eu nada seja enquanto eu pensar que sou algo; ou que algum dia seja verdade eu não tenha jamais existido, sendo verdade agora que eu existo [...]”

(DESCARTES. René. *Medita es Metafísicas*. *Medita o Terceira*, São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 182. Cole o Os Pensadores.)

Com base no enunciado e considerando o itinerário seguido por Descartes para fundamentar o conhecimento, é correto afirmar:

- A Todas as coisas se equivalem, não podendo ser discerníveis pelos sentidos nem pela razão, já que ambos são falhos e limitados, portanto o conhecimento seguro det m-se nas opiniões que se apresentam certas e indubitáveis.
- B O conhecimento seguro que resiste   dúvida apresenta-se como algo relativo, tanto ao sujeito como às próprias coisas que são percebidas de acordo com as circunstâncias em que ocorrem os fen menos observados.
- C Pela dúvida metódica, reconhece-se a contingência do conhecimento, uma vez que somente as coisas percebidas por meio da experiência sensível possuem existência real.
- D A condi o necessária para alcançar o conhecimento seguro consiste em submetê-lo sistematicamente a todas as possibilidades de erro, de modo que ele resista   dúvida mais obstinada.

GABARITOS

| | | | | | |
|----|---|----|---|----|---|
| 01 | E | 06 | D | 11 | B |
| 02 | A | 07 | C | 12 | B |
| 03 | D | 08 | C | 13 | B |
| 04 | A | 09 | D | 14 | D |
| 05 | B | 10 | B | | |

A350°

